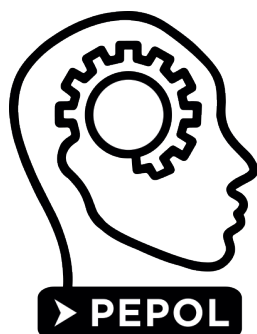

Pequeno guia para a redação de projetos de pesquisa na área de história intelectual

*Laboratório de Pensamento Político
(PEPOL-Unicamp)*



PEPOL WORKING PAPERS Nº 1

jun. 2021

Laboratório de Pensamento Político (PEPOL)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas
Rua Cora Coralina, 100
Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo
Campinas (SP) – Brasil
CEP 13083-896

Coordenação:

Prof. Dr. Alvaro Bianchi (DCP/Unicamp)

Prof. Dr. André Kaysel (DCP/Unicamp)

Prof. Dr^a. Daniela Mussi (IFCS/UFRJ)

Prof. Dr. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos (FCL/Unesp-
Marília)

PEPOL Working Papers

n. 1, 2021

Citar como:

LABORATÓRIO DE PENSAMENTO POLÍTICO. Pequeno guia para a redação de projetos de pesquisa na área de história intelectual. *PEPOL Working Papers*, Campinas, n. 1, jun. 2021

Este pequeno texto tem pretensões muito modestas e objetivos meramente didáticos. Seus objetivos são apresentar ao aluno alguns aspectos formais do Projeto de Pesquisa, ao mesmo tempo em que são transmitidas certas informações que podem simplificar a vida acadêmica. Ele é resultado da prática de pesquisa no âmbito do Laboratório de Pensamento Político da Universidade Estadual de Campinas (PEPOL-Unicamp). Evidentemente, cada área de conhecimento guarda suas especificidades e é compreensível que reivindique para seus projetos uma estrutura própria, capaz de dar conta delas. Embora as sugestões aqui apresentadas possam ser úteis em várias áreas acadêmicas, a ênfase deste guia é na pesquisa em história intelectual, ou seja, investigações que tem por objeto ideias, ideologias, grupos intelectuais, correntes de pensamento, etc., bem como as instituições nas quais estas se organizam, tais como revistas, universidades, editoras, centros de pesquisa, think tanks, partidos políticos, etc.

Um Projeto de Pesquisa é composto de elementos pré-textuais, formado por capa e sumário; elementos textuais, compostos de *Resumo e palavras-chave*, *Introdução*, *Objetivos*,

Justificativa e Materiais e métodos; e elementos pós-textuais, do qual fazem parte *Cronograma* e as *Referências bibliográficas*. A atenção recairá sobre os elementos textuais que compõem o projeto e, em particular, sobre os aspectos metodológicos, que são os que maior dificuldade apresentam para jovens pesquisadores e pesquisadoras. Alguns aspectos gráficos importantes: o texto do corpo do projeto deve ser redigido em fonte tamanho 12 e espaçamento duas linhas. As melhores fontes são as que tem serifa, como a Times New Roman, Garamond, Palatino, Minion, etc. Elas facilitam a leitura de textos longos. O papel tamanho A4 é o recomendável. As margens são as seguintes: esquerda, 3,5 cm; direita 2,5 cm; superior 3,5 cm; inferior 2,5 cm. As páginas devem ser numeradas no canto superior direito, tendo início naquelas referentes aos elementos textuais – capa (ver modelo anexo) e sumário não são numerados, muito embora entrem na contagem de páginas.

Resumo e palavras-chave

O *Resumo* não é uma apresentação ou uma introdução ao projeto. Ele é provavelmente a peça mais importante de um projeto de pesquisa. Sua leitura é independente do restante do texto e frequentemente é com base nele que será identificada a área da investigação e serão selecionadas as pessoas que avaliarão o projeto. O *Resumo* deve ter 100-250 e nelas sintetizar o tema da

pesquisa, os objetivos – os problemas de investigação e hipóteses – e os métodos que serão utilizados. Recomenda-se fortemente que evite citações e referências bibliográficas; abreviações e acrônimos; informações que não estão presentes no artigo e frases longas, grandiloquentes ou desnecessárias e, principalmente, adjetivos referentes ao objeto da pesquisa.

As *Palavras-chaves* não são uma coleção de expressões que o pesquisador considera importantes ou que definem a identidade da pesquisa. Elas são marcadores que facilitam a indexação e a busca em bases de dados e, desse modo, permitir que outras pessoas localizem o projeto e identifiquem o tema da investigação. São no mínimo três e no máximo seis, separadas por ponto e vírgula e iniciadas com letra maiúscula. Devem sintetizar o tema do artigo. Se a pesquisa for localizada geograficamente, a última palavra-chave deve fazer referência à região ou país no qual ela se concentrará.

É preciso escolher as palavras-chaves que outras pessoas utilizariam para indexar ou procurar o projeto. As palavras-chaves não devem indicar a área de investigação. "História do pensamento político", "História intelectual", e similares só devem ser utilizadas se o projeto for *sobre* esse campo de estudos (e não *desse* campo). Também devem ser evitadas palavras-chaves que especifiquem o método da pesquisa. A regra básica é simplificar, aumentando a possibilidade de localização do texto. Alguns exemplos: em vez de "Teoria da alienação de Karl Marx", "Alienação" e "Karl Marx"; no lugar de "Pensamento político liberal-conservador", "Liberalismo" e "Conservadorismo"; "Bancada

evangélica", pode ser substituída por "Evangélicos" e "Congresso Nacional"; etc. Evite palavras e expressões abstrusas, neologismos e conceitos que só fazem sentido no interior de uma vertente intelectual, tais como "Estranhamento", "Objetivação", "Arqueologia do saber", "Contextualismo", "Ação racional com relação a fins", etc. Por mais importantes que sejam para sua pesquisa, não vão ajudar no processo de indexação e localização. A maneira mais segura de escolher palavras-chaves é com base nos vocabulários controlados que as bibliotecas, as bases de dados bibliográficos e as revistas utilizam para indexar livros e artigos acadêmicos.

Introdução

Nem todos os modelos de projetos de pesquisa incluem uma *Introdução*. Muitas vezes passa-se diretamente aos *Objetivos*. Mas é bom não esquecer de que quem lê um projeto lê muitos. E é essa pessoa que avaliará e julgará seu projeto. Todo texto acadêmico tem um público específico. O público do projeto é, provavelmente, o menor público que se pode imaginar. Às vezes é apenas uma pessoa, a qual será responsável por emitir um parecer. É sempre conveniente, portanto, introduzir o tema da pesquisa procurando captar a atenção da pessoa que lerá e avaliará a proposta. A redação, como nos demais capítulos, deve ser correta e bem cuidada. Para as dúvidas mais correntes da Língua Portuguesa, manuais de redação costumam ajudar. O *Manual de editoração e estilo*, de Plínio Martins Filho (2016), adotado pelas

principais editoras acadêmicas brasileiras, é um guia seguro. Dicionários também são imprescindíveis nessa hora.

Na *Introdução* é de se esperar que seja apresentado o tema, o objeto da pesquisa. No âmbito do PEPOL-Unicamp, as investigações mais frequentes ocorrem nas áreas de história dos intelectuais e história das ideias e das ideologias. Os objetos das pesquisas são diversos: as ideias ou a obra de um autor; a circulação e a tradução de ideias políticas; ideologias políticas, tais como nacionalismo, liberalismo e conservadorismo; grupos intelectuais e suas formas institucionais, revistas, jornais, organizações políticas; até objetos menos usuais no campo, como, por exemplo, os recentes estudos sobre o pensamento político de bancadas parlamentares.

Escolher um tema é, provavelmente, uma das coisas mais difíceis para quem está dando os primeiros passos na investigação científica. Pesquisadoras e pesquisadores experientes costumam desenvolver técnicas de documentação do trabalho científico que lhes permitem não só extrair de seus arquivos tais temas como trabalhá-los concomitantemente. Mas estudantes de graduação geralmente não acumularam o volume de informações necessário para tal empreendimento. Um bom começo, portanto, é conhecer o que outros já fizeram, fizeram, acessar o repositório digital de teses e dissertações de sua Universidade. Nele será possível encontrar dissertações de mestrado e teses de doutorado que podem servir como fonte de inspiração, além de permitir familiarizar-se com os aspectos formais, teóricos e metodológicos do trabalho científico.

A primeira regra para a escolha do tema é bastante simples: deve-se escolher um tema que estimule sua curiosidade e desperte vontade explícita de conhecer a respeito. Não é necessário gostar do tema estudado ou ter empatia com o objeto. Ian Kershaw não gostava de Adolf Hitler, mas isso não impediu que escrevesse sua monumental biografia. Não é necessário, portanto, gostar do tema, mas é imprescindível o forte desejo de conhecer mais a respeito dele. A segunda regra é tão importante quanto a primeira: não abraçar o mundo. O tema deve ser circunscrito espacial e temporalmente e ser manejável, ou seja, ter uma dimensão que possa permitir uma pesquisa no prazo estipulado. Uma terceira regra vale ser anunciada: o tema deve ser reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível igualmente por uma comunidade de especialistas (ECO, 1999, p. 21). Ou seja, deve ser aceito como um tema científico pelos pesquisadores e pesquisadoras da área.

A *Introdução* também pode apresentar uma revisão bibliográfica do tema em questão. Quais são os autores e as autoras de referência sobre esse tema? Em que se assemelham ou diferem entre si? Quais são as principais correntes interpretativas? E quais são os principais debates sobre o tema? É bastante comum a ilusão de que o tema escolhido é inédito e nunca foi estudado por outras pessoas. Se isso é verdade, provavelmente é porque o tema não é muito relevante. Mas frequentemente, a afirmação de que um tema foi ignorado até então esconde um conhecimento muito precário do campo disciplinar e a ausência de uma revisão bibliográfica.

Objetivos

Este capítulo deve começar de forma direta, anunciando para a pessoa que lerá e avaliará o projeto quais são os objetivos da pesquisa: “O objetivo desta pesquisa é...”; “Pretende-se ao longo da pesquisa verificar a relação existente entre...”; “Este trabalho discutirá...”; são algumas das formas às quais é possível recorrer. Se na *Introdução* era apresentado o tema, no capítulo *Objetivos* serão anunciados o problema ou os problemas de pesquisa, bem como as hipóteses que motivam a investigação. A pergunta chave para este capítulo é “o que se pretende pesquisar?” Um problema científico tem a forma de uma questão, de uma pergunta. Mas é uma questão de tipo especial. É uma pergunta formulada de tal maneira que orienta a investigação científica e cuja solução representará uma ampliação de nossos conhecimentos sobre o tema que lhe deu origem.

Nas ciências naturais os problemas de pesquisa geralmente procuram responder à pergunta "por quê?". É que, frequentemente, o objetivo é estabelecer uma relação causal e desse modo afirmar uma *explicação* de um fenômeno observado. No campo da história intelectual nem sempre explicações causais são possíveis ou mesmo desejáveis e há outras perguntas que são igualmente legítimas. Quentin Skinner (1969), por exemplo, considerou que no campo da história do pensamento político, o mais importante era *compreender* (e não explicar) os sentidos que um autor atribuiu àquilo que escreveu. Para obter os resultados desejados a pergunta principal deveria ser "o quê?". O que um

autor estava fazendo quando escreveu seu livro ou ensaio? É possível, também, imaginar investigações que procurem compreender certos procedimentos ou percursos intelectuais adotados por um autor ou grupo intelectual no desenvolvimento de suas ideias e argumentos. Nesse caso, a pesquisa tem outro tipo de pergunta válida: "como?"

Uma resposta provisória a estes problemas de pesquisa recebe o nome de *hipótese*. A pesquisa científica deverá testar a adequação da hipótese, comprovando se ela, de fato, é uma solução adequada para o problema científico anteriormente formulado. Se o problema de pesquisa foi mal formulado, a hipótese tende a ser banal e auto-evidente. Não faz muito sentido empenhar esforços e recursos humanos e materiais para testar hipóteses autoevidentes. As melhores pesquisas, mesmo em nível de iniciação científica, são aquelas que formulam novos problemas de investigação e soluções criativas para esses problemas. O tema pode ter sido objeto de muitas pesquisas, mas o problema e as hipóteses devem procurar apresentar novas questões e oferecer novas soluções a esse problemas, de modo a contribuir, mesmo que de maneira modesta, ao avanço do conhecimento.

Justificativa

"Ninguém estudou este tema até então" é uma péssima maneira de justificar uma pesquisa. Geralmente essa afirmação sequer é verdadeira e simplesmente oculta um conhecimento precário da bibliografia existente. De novo: o tema não precisa ser

original. A novidade deve estar nos problemas e nas hipóteses que organizarão a investigação. A maneira apropriada de justificar uma pesquisa é confrontando a bibliografia existente, mapeando os problemas de pesquisa que guiaram as investigações precedentes, as soluções que foram dadas a esses problemas e indicando em que medida a pesquisa agora proposta se distingue das anteriores. Por esse motivo, neste capítulo do projeto a bibliografia básica deve ser discutida. Isso quer dizer que a bibliografia básica deve ser conhecida já na fase de redação do projeto e não depois da pesquisa em si ter início. Sem esse conhecimento sequer seria possível formular bons problemas e boas hipóteses de pesquisa. A justificativa mais forte que um projeto na área de história intelectual pode encontrar é sua capacidade de produzir novos conhecimentos sobre temas que outros já pesquisaram.

As agências de pesquisa têm emitido regulamentações e portarias nas quais se enfatiza a capacidade de inovação das pesquisas e de aplicação na solução de demandas econômicas, sociais ou políticas. Evidentemente, projetos de pesquisa na área de história intelectual não atendem essas exigências e nem devem pretender atendê-las. Isso não significa que não sejam relevantes. Sua contribuição está, justamente, em investigar respostas intelectuais dadas no passado a problemas que são muitas vezes semelhantes, ou simplesmente os mesmos, daqueles que hoje ocupam a atenção no debate público. Esta é uma maneira interessante de justificar um projeto de pesquisa na área de história intelectual e, se possível, deve ser explorada: em que medida os

problemas estudados são análogos a problemas candentes do presente e, em que medida, o conhecimento das soluções teóricas e intelectuais dadas àqueles problemas pretéritos poderia contribuir para encontrar soluções mais efetivas para questões contemporâneas.

Materiais e métodos

Esqueça os manuais de metodologia. Eles vão dividir as pesquisas em quantitativas e qualitativas, definir estas últimas como investigações que não usam matemática e dizer que revisão bibliográfica é um método de pesquisa apropriado para estudar teorias e ideias. Aqui, algumas observações. Essa distinção entre métodos quantitativos e qualitativos é muito grosseira e as pesquisas contemporâneas têm apagado as fronteiras. É possível, mesmo em uma pesquisa sobre história intelectual, recorrer a quantificações e estabelecer relações estatísticas entre variáveis destacadas. É raro isso ocorrer, mas isso se deve mais ao pouco conhecimento de rudimentos matemáticos e estatísticos dentre os pesquisadores da área do que a uma inadequação do objeto. Pesquisas de análise de conteúdo, investigações sobre o consumo de produtos culturais, a identificação de redes de intelectuais e análises bibliométricas, por exemplo, podem ser feitas com métodos quantitativos e contribuir para nosso conhecimento sobre o pensamento político, a circulação e difusão de ideias e a história dos conceitos, por exemplo.

Por sua vez, a revisão bibliográfica é uma técnica de pesquisa que não se reduz a ler e comentar livros e artigos. Ela tem por objetivo mapear os problemas e soluções que orientaram pesquisas e pode ser útil em certos estágios preliminares da investigação, principalmente, como visto, para a formulação de novos problemas e hipóteses ou mesmo na seção de justificativa da pesquisa. Mas nunca será o método predominante em uma investigação no campo da história intelectual. A pesquisa em história intelectual nunca é uma "pesquisa bibliográfica" ou uma "revisão bibliográfica" como muitos manuais costumam afirmar.

Às vezes confunde-se o objeto da pesquisa com o método desta. No campo da história intelectual, muito embora os objetos da investigação sejam frequentemente teorias e ideias, a pesquisa é empírica. Mas isso sequer precisa ser anunciado no capítulo de *Materiais e métodos*. Assim como não é necessário indicar os pressupostos metateóricos que orientam a investigação, ou a filiação a esta ou aquela corrente de pensamento. Nesta seção, o importante é mostrar como as hipóteses serão testadas, por meio de que procedimentos, de que técnicas. Ou seja, o importante não é classificar a pesquisa como fazem os manuais – explicativa ou compreensiva, quantitativa ou qualitativa, básica ou aplicada, teórica ou empírica, etc., mas explicitar como ela será feita.

Esta seção deve explicitar os materiais da investigação, ou seja, quais são os dados e as informações necessárias, bem como seus suportes materiais, como serão obtidos e os métodos para sua análise. Na área de história intelectual os dados necessários são frequentemente fontes documentais primárias, tais como livros,

revistas, jornais, discursos parlamentares, cartas e documentos oficiais. O projeto deve descrevê-los da forma mais completa possível, quantificando-os, sempre que possível. Também é importante informar onde essas fontes documentais se encontram, descrevendo os arquivos e os acervos onde se encontram e como será possível acessá-los. Por fim, esta seção deve explicitar os métodos utilizados para a análise dessa documentação: análise documental, filologia, análise do discurso, análise de conteúdo, etc.

Referências bibliográficas

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MARTINS FILHO, Plinio. **Manual de editoração e estilo**. Campinas; São Paulo; Belo Horizonte: Unicamp; Edusp; UFMG, 2016.

SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. **History and Theory**, v. 8, n. 1, p. 3–53, 1969. <https://doi.org/10.2307/2504188>.

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

TÍTULO EM LETRAS MAIÚSCULAS E NEGRITO
(tamanho 14p)

Nome do autor(a) (tamanho 12p)

Projeto de iniciação científica
apresentado para o processo
seletivo Programa Institucional
de Bolsas de Iniciação Científica
da Universidade Estadual de
Campinas (Unicamp) – Edital
2021, sob orientação do Prof.
Fulano de Tal.

CAMPINAS

2021